



## **XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã**

**Tema central:**

**Comunicação e as lutas por cidadania na disputa de hegemonias  
19 a 21 de outubro de 2022**

**Iniciativa e Realização**

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,  
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**

Universidade Estadual de Londrina – **UEL**

Programa de Pós-Graduação em Comunicação – **PPGCom UEL**

---

### **GT 1 – Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania**

---

#### **Diáspora palestina na América Latina: o Clube Palestino no Chile e a preservação de identidade cultural de um povo<sup>1</sup>**

**Ahmad Alzoubi**

Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de investigar de que forma os palestinos no Chile mantêm suas identidades culturais e de que forma elas se relacionam e se comunicam com seu país de origem. A metodologia compreende dois procedimentos metodológicos, a revisão da literatura nos campos do referencial teórico e o estudo de caso do Clube Palestina, por meio do qual é possível analisar a história da imigração palestina para o Chile e a organização dessa diáspora no país. O estudo de caso contempla a análise exploratória do Facebook do Clube e entrevistas, inclusive com as atuais gerações descendentes de imigrantes. Embora o artigo não tenha sido submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), foi garantido o anonimato dos entrevistados. O aporte teórico reúne, em especial, as contribuições de Stuart Hall, Raquel Raiva e Zigmund Bauman. Entre os principais resultados, destacamos a forte presença dos palestinos na economia e na política chilena, bem como sua expressão na cena internacional por meio de espaços não convencionais, no caso desta pesquisa, por meio do esporte como meio de comunicação e espaço de manifestação de identidade.

**Palavras-chave:** Comunicação Comunitária; Comunicação e identidade; Identidade cultural. Comunidade Palestina no Chile; Clube Palestina no Chile.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 1 – Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania da XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2022, de 19 a 21 de outubro de 2022 – realizada pela ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã, Universidade Estadual Paulista (UEL) e Programa e Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM-UEL.

## Introdução

No Chile, a comunidade palestina é a maior da América Latina, sendo também o lugar onde se concentra a segunda absoluta presença de palestinos fora do mundo árabe. Em 2020, o número de palestinos foi estimado em cerca de 500 mil (AL-HAYY, 2009), residindo no Chile há mais de 150 anos, mantendo raízes profundas e com influência e participação na política, vida econômica, cultural e esportiva chilena.

Não se trata, porém, de uma comunidade homogênea em termos comportamentais, políticos ou predominância de atividades e interesses. De certa forma, a comunidade expressa a própria sociedade chilena e a sua diversidade, mas tem em comum as origens palestinas de gerações anteriores, e também instituições decorrentes dessas origens, que acabam por ter papel relevante na preservação de laços culturais, hábitos e tradições, bem como na visibilidade das identidades culturais palestinas no território chileno.

Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa é investigar de que forma os palestinos no Chile mantêm suas identidades culturais, e de que forma elas se relacionam e se comunicam com seu país de origem, em uma perspectiva transnacional. Para tanto, escolhemos como metodologia o estudo de caso aplicado à história da imigração palestina para o Chile, com ênfase no Clube Desportivo Palestino. Realizamos um estudo sobre a história do Clube, análise exploratória da página do Facebook oficial da entidade, na sequência, aplicamos entrevistas para conferir de que forma a identidade palestina é mantida e expressada pelo grupo, incluindo as atuais gerações descendentes de imigrantes. Foram entrevistadas dez pessoas com perguntas abertas, com o objetivo de dar aos entrevistados liberdade e autonomia para responderem como quisessem.

Com este material, embasamos a nossa análise nas teorias da Identidade Cultural (HALL, 2014) e Comunidade (BAUMAN, 2003; PAIVA, 1998). Sobre o estudo de caso, o pesquisador Yin (2001) explica que:

(...) é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes. O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas (YIN, 2001).

O estudo de caso, para o autor, tem poder diferenciador em relação às pesquisas históricas quanto à capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências — documentos, artefatos, entrevistas e observações —, além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional.

Em outra obra de 1983, Yin afirmou que o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos, conforme queremos buscar no caso da comunidade palestino-chilena (YIN, 1983).

Com esta introdução, afirmamos que a relevância do tema se dá pela importância que o povo palestino tem e sua atuação no mundo e, portanto, seu estudo se faz necessário e urgente.

### **Conceito de comunidade e identidade cultural em contexto diaspórico**

Passamos à definição do conceito de comunidade nesta abordagem da diáspora palestina no país. Segundo Raquel Paiva, uma das maiores referências no estudo da comunicação comunitária no Brasil, inclusive com contribuições no debate a reelaboração do termo comunidade, a comunidade tradicional, assim como suas estruturas, deixou de ser compatível com a lógica da sociedade de consumo. Isso, segundo a pesquisadora, implica na predominância do individualismo e na exclusão de grupos cuja identidade não é coesa (PAIVA, 1998).

Na perspectiva de Zygmunt Bauman, um dos estudiosos que deixaram um importante legado nesse campo, a comunidade se iguala a um instituto em crise, no qual são perceptíveis o enfraquecimento e a fragilidade dos laços, agora não mais duradouros. em nome da libertação do indivíduo. Para Bauman, há uma redução dos poderes da comunidade, especialmente sua capacidade de atribuir papéis aos indivíduos que pertencem a um dado agrupamento. (BAUMAN, 2003, p. 19).

Embora a sociedade contemporânea tenha a capacidade de esgarçar sentidos comunitários relacionados aos modos de vida anteriores a ela, existe o sentido de comunidade que se confunde com o de identidade cultural, em uma das maneiras definidas por Stuart Hall (2003). Essa maneira vê a "identidade cultural" em termos de uma cultura compartilhada, uma espécie de um verdadeiro eu coletivo escondido dentro de muitos outros eus mais superficiais ou artificialmente impostos, e que possui um povo com uma história comum e ancestralidade compartilhada. No contexto dessa definição, nossas identidades culturais refletem experiências históricas comuns e códigos culturais compartilhados que nos fornecem, como "povo", quadros de referência e significado estável, imutável e contínuo, as mutáveis divisões e vicissitudes de nossa história atual (HALL, 2003).

Essa concepção de identidade cultural desempenhou, segundo o Hall (2003), um papel importante em todas as lutas pós-coloniais que remodelaram nosso mundo de maneira tão profunda. Fanon (1963) aponta que, no passado recente, a colonização não se satisfiz apenas em reter uma comunidade sob seu jugo e esvaziar o cérebro do nativo de todas as maneiras e conteúdo, mas, por

uma espécie de lógica perversa, essa colonização volta-se para o passado do povo oprimido, e o distorce, desfigura e ela a destrói (FANON, 1963, p. 170).

Para além da compreensão sobre como os palestinos no Chile aderem à identidade, comunicação e cultura palestinas, e até que ponto eles se relacionam e se comunicam com seu país de origem, nos dedicamos também a identificar na identidade cultural da diáspora palestina o que pode ser atribuído ao passado que resiste à desfiguração colonial, e também como as "histórias ocultas", mencionadas por Hall, são responsáveis pela ascensão de muitos dos movimentos sociais mais importantes do nosso tempo: feministas, anticolonialistas e antirracistas. Esses movimentos têm desempenhado um papel crítico na formação de uma sociedade chileno-palestina capaz de ressignificar seu legado cultural, experiências e traumas históricos em novos elementos criativos de identidade e adaptação cultural.

A segunda maneira de entender a identidade cultural, para Hall (2003), pertence tanto ao futuro quanto ao passado. Não é algo que existe, transcendendo lugar, tempo, história e cultura. As identidades culturais vêm de algum lugar, elas têm história. Mas como tudo que é histórico, as identidades estão sujeitas a constantes transformações. Longe de estarem eternamente fixados em um passado essencial, estão sujeitos ao jogo contínuo de história, cultura e poder. Longe de se basear na mera "recuperação" do passado que espera ser encontrado, e que quando encontrado, assegurará nosso senso de identidade na eternidade, as identidades são os nomes que damos às diferentes maneiras pelas quais estamos posicionados e dentro das quais nós mesmos nos posicionamos, através das narrativas do passado.

Não é um espírito universal e transcendente dentro de nós, no qual a história não deixou marcas fundamentais. Não é uma origem fixa à qual podemos fazer um retorno final e absoluto, mas também não é apenas um fantasma. É "algo", não apenas um truque da imaginação. Têm suas histórias, e as histórias têm seus efeitos, sejam eles reais, materiais e simbólicos. O passado continua a falar conosco, mas não sabemos se ele nos trata como um simples e real "passado" porque nosso relacionamento com ele, como a relação de uma criança com sua mãe, sempre existiu "independente da separação". É sempre construído por meio da memória, fantasia, narrativa e mito. As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, que são feitos nos discursos da história e da cultura. Eles não são uma essência, mas um posicionamento. Assim, há sempre políticas de identidade, políticas de posição, que não são totalmente garantidas em uma "lei de origem" transcendental e não problemático (HALL, 2003).

Em se tratando de identidade cultural e diáspora, vale dizer que o termo diáspora tem a ver com dispersão e refere-se ao deslocamento, forçado ou não, de um povo pelo mundo. Foi largamente utilizado para nomear os processos de "dispersão" dos judeus entre os séculos 6 a.C (cativeiro na Babilônia) e o século XX (perseguições na Europa). É a partir da noção de identidade

cultural dos imigrantes caribenhos que Hall (2003) inicia seu texto. O autor trabalha a questão da diáspora ocorrida com os assentamentos de negros caribenhos no Reino Unido, relacionada com as complexidades de se imaginar a nação e a identidade caribenhas numa era de globalização crescente. Hall ressalta a importância das questões geradas pela diáspora, por serem centrais não apenas para seus povos, mas para as artes e culturas que produzem, onde um certo sujeito imaginado está sempre em jogo (2003, p.26). Ele cita a obra de Mary Chamberlain, o livro *Narratives of Exile and Return*, que enfatiza como os elos permanecem fortes, apesar do distanciamento da terra natal, quadro confirmado por pesquisas com os migrantes caribenhos residentes no Reino Unido. “Na obra, os entrevistados de Chamberlain falam também sobre a dificuldade dos que retornam em se religar à sua sociedade de origem. Hall afirma que na situação da diáspora, as identidades tornam-se múltiplas” (2003, p. 27).

Trata-se, portanto, de um esforço conceitual e reflexivo, na tentativa de identificar rupturas, desconstruções e reconstruções da categoria identidade no âmbito das ciências sociais e humanas, relacionando-a com os processos de diáspora vivenciados por estudantes de origem africana.

As passagens a seguir, extraídas da obra de Stuart Hall, *Identidade Cultural e Diáspora*, traduzem bem a discussão:

1. A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta: é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu trabalho produtivo.
2. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.
3. A Globalização vem elucidando as trevas do próprio iluminismo ocidental. As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera.
4. Há dois processos oposto sem funcionamento nas formas contemporâneas de globalização: Existem as forças dominantes que ameaçam subjugar todas as culturas que aparecem, impondo uma mesmice cultural homogeneizante (seus efeitos podem ser vistos em todo o mundo); e os processos que sutilmente estão descentrando os modelos ocidentais, levando a uma disseminação da diferença cultural em todo o globo.
5. Para Hall, a alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de pertencimento cultural, mas abarcar os processos mais amplos o jogo da semelhança e da diferença que estão transformando a cultura no mundo inteiro. Esse é o caminho da diáspora, que é a trajetória de um povo moderno e de uma cultura moderna (2003, p.47).

### **A diáspora Palestina no Chile: contexto histórico**

A presença da comunidade palestina no Chile remonta a meados do século XIX, após a queda do Império Otomano e o recrutamento forçado. O povo palestino lutou contra o Mandato Britânico e os planos dos movimentos sionistas que conspiravam contra sua existência.

Em meados do século XIX, durante a eclosão da Guerra da Crimeia, um pequeno número de palestinos se dirigia ao Chile, pelos portos da Argentina, depois em mulas pelos Andes, ou entrando

no continente pelo porto de Santos, no Brasil, enquanto parte seguia para um dos portos europeus, muitas vezes para Gênova, Itália, ou Marselha na França, passando pelo porto de Beirute, Haifa e Alexandria, com o objetivo de trabalhar na agricultura e no comércio e melhorar a situação econômica pessoal e de suas famílias.

A queda e o declínio do Império Otomano, a instalação do Mandato Britânico e a Declaração Balfour resultaram na perda do direito palestino em várias etapas. A primeira delas se deu sob o Mandato Britânico, em que alguns membros das aldeias migraram para países vizinhos. Depois veio a Nakba em 1948, que deslocou à força aldeias e cidades, como aconteceu no massacre de Deir Yassin (AL-HAYY, 2009) como resultado da Declaração Balfour, onde a maior parte da Palestina histórica foi ocupada.

As ondas de migração forçada foram distribuídas para cidades e países vizinhos: moradores das cidades palestinas de Kabisan e Jaffa foram para a Jordânia; de Safed e Acre foram para a Síria; de Gaza foram para o Egito; e de Tulkarem para o Líbano. Nesses lugares, estabeleceram residência temporária. Acreditavam que seria por um curto período de tempo, e que logo voltariam para suas casas, aldeias e cidades. Muitas famílias guardam as chaves de suas casas até hoje, esperando o dia de voltar.

Fica evidente que o retorno não é fácil, e o asilo tornou-se cada vez mais difícil. Algumas pessoas começaram a migrar para países europeus e latino-americanos para melhorar as condições de vida e garantir um futuro econômico. A comunidade palestina no Chile é considerada uma das maiores fora da Palestina. Sem dados oficiais, as estimativas e estudos locais indicam a presença de 450 mil chilenos de origem palestina (ANABI, 2021). A presença de comunidades palestinas em países como Chile, El Salvador e Honduras desempenhou um papel na onda de reconhecimentos do Estado da Palestina.

Duas décadas atrás, com a escalada da Segunda Intifada, dezenas de latino-americanos de origem palestina visitaram a Palestina para conhecer a realidade da situação nos Territórios Palestinos Ocupados. A visita de latino-americanos de origem palestina à sua pátria representou mais uma vez uma nova abordagem na tentativa de preencher a lacuna entre os palestinos latino-americanos e sua pátria, para não tornar os palestinos na América Latina, como um poeta palestino os descreveu, “crianças que perderam a mãe” (ALJAMAL; AMOUR, 2020).

Em 2020, o número de palestinos residindo no Chile há mais de 150 anos foi estimado em cerca de 500 mil (AL-HAYY, 2009), mantendo raízes profundas e com influência e participação na política, vida econômica, cultural e esportiva do país latino-americano. Os palestinos estabeleceram muitas instituições para preservar sua identidade e cultura, mais notavelmente: o Desportivo Palestino fundado pelos primeiros imigrantes da Palestina e um dos clubes ilustres do Chile e da América Latina em geral; a Federação Palestina, o Comitê de Direito de Retorno, o Comitê

Democrático Palestino, a União das Mulheres Palestinas, a União Geral dos Estudantes Palestinos, a Escola Árabe e Fundação Belém 2000, o Clube Palestino Valparaíso e Viña del Mar, a Associação Juvenil para a Palestina (AJPP) e o Lar de Crianças Sírio-Palestinas.

No Chile, existem três escolas árabes, primárias, secundárias e completas, com diretores de origem palestina, nas três cidades: Concepción, Vina del Mar e Santiago, cujos alunos recebem informações sobre história e folclore palestinos e árabes. Há também dez igrejas cristãs árabes e uma mesquita islâmica. Os movimentos chilenos de solidariedade com a Palestina convocaram em 2017 uma conferência para as comunidades palestinas de vários países da América Latina na capital Santiago, com o objetivo de criar um lobby unificado em apoio aos direitos palestinos (LUNA, 2017).

Há relatos que descrevem com precisão a situação dos árabes no Chile e na América Latina, o fato de serem chamados de “turcos”, a intenção de retornar ao lugar de onde vieram e as circunstâncias difíceis que dificultaram esse retorno, e também o modo como foram ocupando suas posições na nova sociedade, cada um de acordo com sua especialização, inclinações, composição, circunstâncias, interesse e nível cultural.

Numa perspectiva das mediações culturais e identidades na formação de comunidade diaspórica, convém ressaltar que a emigração de palestinos para o Chile data de 1850-1900, a maioria procedente das aldeias de Belém, Beit Jala, Beit Sahour e algumas outras áreas. O despertar da guerra civil no Líbano e a invasão israelense do Líbano em 1982 AD. Da mesma forma, outras ondas vieram após a primeira e segunda Intifada palestina e a deportação de palestinos do Kuwait e do Iraque, após a primeira e segunda Guerras do Golfo. Segundo fontes oficiais palestinas no Chile, seu número chega a 300.000 palestinos, que agora são considerados da quarta e quinta geração; os filhos dos primeiros imigrantes palestinos.

A comunidade palestina está distribuída em todas as regiões do Chile, e a maioria está localizada na capital de Santiago e seus arredores, bem como no sul do Chile, em particular na área de Concepción, Chián, Favevia, Linares e Corico. Eles tiveram um notável sucesso na integração à sociedade chilena, mas se tornou um de seus principais componentes, com grande influência econômica e política. Os palestinos no Chile são da classe rica e muitos deles ocupam altos cargos no Estado. No entanto, isso não os fez esquecer sua Palestina e sua causa primeira. Eles ainda estão agarrados às suas raízes e origens que sempre os unem. As famílias palestinas mais proeminentes do Chile são Nazzal, Qassis, Saeed, Handal, Abu Mahr, Elias, Bandak.

Os palestinos dessa diáspora trabalham em todos os setores econômicos e, em todos os níveis, há empresários e grandes investidores. A comunidade palestina controla 70% da economia, e existem os dez maiores bancos do Chile, seis deles são de propriedade de palestinos, e há ministros e parlamentares de origem palestina. Existem muitas instituições afiliadas à comunidade palestina

no Chile, sendo as mais importantes: Palestine Club fundado pelos primeiros que chegaram ao Chile vindos da Palestina. O nome do clube é Palestino, e é um dos clubes mais antigos do país. Anteriormente, venceu a liga e a copa mais de uma vez, e a maioria de seus fãs são membros da comunidade palestina, e há a Federação Palestina, o Comitê de Direito de Retorno, o Comitê Democrático Palestino, o Comitê de Mulheres Palestinas Union, a União Geral dos Estudantes Palestinos, a Escola Árabe e a Fundação Belém 2000.

### **Estudo de caso: o Clube Palestino**

O clube palestino remonta há 100 anos, amparado no interesse dos primeiros imigrantes pela vida social, esportes e futebol em particular. A criação de seu clube chamado Clube Palestino, que continua até hoje, é um dos melhores clubes sociais de Santiago e oferece facilidades como natação, tênis, refeições para seus membros, reuniões em eventos públicos e festas. O objetivo de sua construção foi unir as comunidades árabes e palestinas residentes no Estado do Chile, país que abriga em seu território a terceira ou quarta maior comunidade palestina (LEONARDO, 2015).

Sendo a comunidade palestina no Chile tão expressiva numérica e socialmente engajada, vários “mecanismos de construção identitária” (JARDIM, 2000) são encontrados na prática, vivência e sociabilidade desses jovens que permitem a manutenção da identidade palestina no exílio. O "Clube Palestino" foi formado em seus primórdios como um clube de futebol, e logo se transformou em um ponto de encontro social para os primeiros imigrantes chilenos do século XIX e início do século XX no subúrbio norte da capital, Santiago, segundo Maurice Khamis, presidente do clube eleito com a diretoria no período entre 2017 e 2020.

Khamis acrescenta que:

(...) a área do clube atualmente é de 100.000 metros quadrados, e todos os edifícios circundantes e mercados ainda não estavam estabelecidos quando o terreno era propriedade dos palestinos na década de setenta do século passado. Mesmo a área da rua principal que corre ao lado do clube era propriedade dos palestinos Jarour (Belém) e Abu Mehr (Beit Jala), negociada com o empresário Carlos Abu Mehr Toma, para a reconstrução e instalação do Clube Palestino em lugar do antigo e pequeno clube de Santo Domingo, também ponto de encontro de várias organizações e associações árabes sob o nome de Farab, até passar a se chamado de Clube Palestino, com tem sido desde 1928.

A ideia principal do clube é preservar e difundir os valores culturais árabe-palestinos e, portanto, as tradições palestinas, e muitos políticos o consideram mais do que um mero clube esportivo, por sua postura firme em relação ao povo palestino e apoio aos seus direitos. O time do clube usa seu uniforme tradicional em vermelho, verde e branco, conforme as cores da bandeira palestina. A equipe foi bicampeã da Primeira Divisão Chilena. Alguns de seus jogadores, como Roberto Bishara e Alexis Nuramboena, jogaram pela seleção palestina de futebol. Outros chilenos

de origem palestina, como Luis Antonio Jimenez, foram contratados por clubes estrangeiros. Os efeitos de sua origem e relação com a Palestina são amplamente visíveis. A delegação do clube visitou a Palestina em 2016. E também iniciou um empreendimento local, escrevendo: "Estamos prontos em Gaza! Como clube esportivo palestino, já lançamos nossa primeira academia de futebol em Gaza, que será inaugurada no segundo semestre de 2022".

O Clube Palestino do Chile mostrou grande solidariedade com a situação na Palestina e os palestinos no exílio. O presidente da Câmara de Comércio no Bairro Patronato organizou um protesto em 2006 contra a Guerra do Líbano de 2006. As bandeiras libanesas e palestinas foram amplamente vistas nas ruas do bairro na época.

Trata-se do único clube profissional do mundo que usa seu uniforme para demonstrar compromisso com sua terra de origem, ocupada. Em janeiro de 2014, o time jogou com um mapa da Palestina desenhado no uniforme. No entanto, a comunidade judaica no Chile protestou contra o que chamou de "politização do futebol" e acusou a comunidade palestina de "trazer o conflito palestino-israelense para o Chile". De fato, a Federação de Futebol convocou o presidente do clube, Maurice Khamis Massou, dono de um estádio em Santiago, e o multou em US\$ 15 mil. Os jogadores protestaram contra a decisão e desenharam um mapa da Palestina em seus braços na partida que se seguiu à multa do clube. Fotos dos jogadores se espalharam pelas redes sociais, enquanto uma grande quantidade de camisas foi vendida com o desenho do mapa da Palestina substituindo o número 1 na numeração das posições dos jogadores. "Cada vitória conquistada pelo clube traz alegria ao sofrido povo palestino", explicou o presidente do clube, reforçando o fato de que o uso das imagens na camisa estabeleceu uma comunicação com o povo, cuja diáspora deu origem ao clube.

O Clube Palestino existe desde antes da onda de migrações palestinas provocadas pelas expulsões violentas que marcaram a instalação do Estado de Israel nas terras palestinas. Por isso, a primeira parte de sua história esteve mais ligada à identidade árabe palestina dos imigrantes. Antes da decisão da partilha da palestina ocorrida em 1947, em reunião da ONU, o clube era conhecido como o time dos "Millionários". Isso porque, devido ao sucesso da equipe, conseguiu o financiamento necessário dos árabes ricos residentes no país, que encontraram no esporte um modo de homenagear suas origens. A fama cresceu com o recorde de dois títulos da liga chilena de futebol em 1955 (depois de três anos após sua promoção da Segunda Divisão). O time também foi campeão chileno por duas vezes, em 1975 e 1977.

A identidade palestina homenageada pelo nome, cores e gestos simbólicos do clube também está imersa no universo do futebol devido à participação de seus jogadores em outros campeonatos e clubes ou a trajetória de treinadores que levam a passagem pelo clube em seus currículos.

A equipe da comunidade palestina participou do mais importante e prestigiado campeonato latino-americano, a Copa Libertadores, uma vez em 2015, e também participou do segundo campeonato continental, a Copa Sul-Americana, por duas vezes, e ocupa o sexto lugar na classificação da Liga Chilena de Futebol para a atual temporada 2022, tendo conquistado 4 pontos nas duas primeiras partidas.

### **Análise das entrevistas**

Neste tópico, fazemos uma breve análise da página do Facebook para verificar como elementos identitários palestinos aparecem: bandeira, cores, datas comemorativas, comida típica, vestuários, música, aspectos religiosos, memória e história.

Nesta análise da página do clube palestino no Facebook constatamos que a causa palestina está fortemente presente nas atividades do clube até agora. Descobrimos que eles organizam campanhas de doação para pacientes dentro da Palestina e organizam cursos para ensinar a indústria culinária palestina regularmente, e têm interesse em dias palestinos, como o dia palestino keffiyeh, que é uma tradição cultural, o memorial Nakba, o Dia da Terra e a Páscoa, e também há cursos educacionais de dança do ventre e música. Eles recebem delegações estrangeiras que os visitam, como (Talal Abu-Ghazaleh Foundation e outros), e também acolhem jovens palestinos de sucesso, como cineastas, alguns atores e cantores. e a Igreja da Ressurreição, e foi constatado através do general vista das atividades do clube no Facebook que eles têm interesse periódico nas publicações de livros relacionados à Palestina ou suas famílias, e há cursos educacionais para a língua árabe com currículos modernos.

Como parte de um estudo mais abrangente e interinstitucional, realizamos entrevistas com dez participantes devidamente selecionados, e pensando no objetivo que nos trouxe até aqui, ou seja, investigar de que forma os palestinos no Chile mantêm suas identidades culturais, e de que forma elas se relacionam e se comunicam com seu país de origem, tivemos os seguintes resultados: somente dois entrevistados mantêm laços com a Palestina. Eles explicam que apesar de morarem no Chile perpetuam em suas casas a cultura do seu país de origem, falando somente na língua árabe e matriculando seus filhos na escola árabe, onde aprendem sobre a língua e a cultura do país. O entrevistado 3 explica que antes das redes sociais, ele não tinha nenhum contato com os parentes do Oriente médio, e apesar da internet, a comunicação continua escassa.

Neste momento, podemos refletir nas considerações trazidas por Hall quando ele afirma que “uma construção que cada um de nós vai se fazendo por meio das relações que estabelece com o mundo e com os outros, a partir do grupo social a que pertence, do contexto familiar, das experiências individuais, e de acordo com os valores, ideias e normas que organizam sua visão de mundo”. Ou seja, o autor assume uma perspectiva não essencialista que tem a ver não com aquilo

que nós somos, mas com aquilo que nos tornamos a partir do uso dos recursos da história, da linguagem e da cultura, são criadas conexões, ainda, com as questões “quem podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós mesmos” (HALL, 2003, p. 109).

E quando perguntados quais tradições palestinas são mantidas no Chile, eles responderam:

Desde a comida, a dança, o dabke e sobretudo a linguagem. (ENTREVISTADO 1)  
 No Chile existe uma forte tradição e cultura árabe/palestina. Tanto na gastronomia, na dança, na linguagem, na defesa da causa palestina, produto dos espaços que existem onde congrega a comunidade no Chile. (ENTREVISTADO 2)  
 Principalmente comida, certas roupas como o kufiya, mas acima de tudo memória e história. (ENTREVISTADO 3)

Quando questionados se o Clube Palestino representa toda a comunidade palestina no Chile, as respostas sugerem que há uma quantidade muito grande de palestinos no Chile, e que seria impossível representar todos eles, deixando saber que as identidades não se encontram eternamente fixadas em um passado essencial.

Sim. É a casa dos palestinos no Chile, é nossa segunda casa. (ENTREVISTADO 1)  
 Sem dúvida, o clube palestino representa um grande número da comunidade palestina, porém somos meio milhão no Chile, não é possível representar todos eles, acrescentando que existem clubes em regiões, que representam os palestinos das respectivas regiões. (ENTREVISTADO 2)  
 Sou de Valdivia, no sul do Chile, e a presença da comunidade nas regiões é praticamente nula. (ENTREVISTADO 2)

Quando questionados sobre se as questões políticas palestinas são discutidas no Clube, eles disseram que sim e que isso se dá a partir de palestras, conversas e informações nas redes sociais. Para eles, o Clube Palestino representa a comunidade palestina no Chile, este lugar é considerado a segunda casa deles, mas ressaltam que por serem em grande número no Chile, meio milhão de palestinos, não é possível representar todos eles, acrescentando que existem clubes em regiões que constituem os palestinos das respectivas regiões.

Neste momento, remetemos novamente às palavras de Hall (2014) sobre identidade, quando ele afirma que: as identidades culturais vêm de algum lugar, elas têm história. Mas como tudo que é histórico, as identidades estão sujeitas a constantes transformações. Longe de estarem eternamente fixados em um passado essencial, estão sujeitos ao jogo contínuo de história, cultura e poder”.

Quando fazemos referência à memória do povo palestino no Chile e de que forma ela ainda se perpetua, refletimos sobre este conceito que em nosso entendimento é muito além de lembrar e recordar, a memória é social e dinâmica, e é nessa dinâmica que está a narrativa de indivíduos e de grupos. É um processo comunicacional, produzir, ouvir, ver e ler. A narrativa produzida pela nossa memória é uma atividade antropológica. Entendemos que a memória é a capacidade que as pessoas

têm de conservar informações vinculadas ao passado e sempre atualizá-las no presente por meio de narrativas que organizam essas informações, conforme determinados critérios. Memória não é passado, mas a lembrança de algo passado sob condições e interesses do momento presente. Usar o conceito de memória em uma pesquisa não é algo fácil, pois trata-se de um conceito que não é racional, que se autoexplique. Neste momento, retomamos às entrevistas e questionamos se algum dos entrevistados mantém atividades e eventos importantes que remontem às práticas do povo palestino. Um deles responde:

O trabalho pela Palestina no Chile é permanente e extremamente diário. Sou ativo no ativismo político palestino há anos. Baseia-se principalmente em um trabalho de divulgação permanente através das redes sociais, realizando atividades como palestras de rádio, seminários em espaços universitários, marchando com bandeiras palestinas, relacionando-se com outros grupos políticos para gerar solidariedade entre diferentes causas comuns, realizando concertos musicais que servem como tribuna da causa, fazer intervenções artísticas e de rua, pintar paredes e telas, escrever artigos de opinião ou de pesquisa sobre essas questões. Acho que tudo isso pode ser resumido no lema ‘Não vamos parar de falar sobre a Palestina’ mas fazer ativismo como pessoa física e por meio de diferentes organizações; como BDS Chile, Juventude Chileno-Árabe pela Palestina em Valdivia, Chile Contra o Apartheid. São organizações, algumas com mais experiência e outras mais recentes. Eu pessoalmente não fui assediado para atuar pela Palestina. (ENTREVISTADO 3).

Ainda que um dos entrevistados não tenha oferecido respostas sobre o funcionamento ou importância do Clube Palestino, por viver em uma região onde não há presença de uma chamada comunidade palestina organizada, suas respostas demonstram que a identidade palestina é mantida especialmente como uma identidade política e conectada com as condições atuais do povo originário, por “um trabalho de divulgação permanente através das redes sociais, realizando atividades como palestras de rádio, seminários em espaços universitários, marchando com bandeiras palestinas, relacionando-se com outros grupos políticos para gerar solidariedade entre diferentes causas comuns, realizando concertos musicais que servem como tribuna da causa, fazer intervenções artísticas e de rua, pintar paredes e telas, escrever artigos de opinião ou de pesquisa sobre essas questões” (ENTREVISTADO 4).

Entre todas as formas de expressão da identidade palestina preservada pela diáspora no Chile, o Clube Palestino parece ter se consolidado como uma vibrante mensagem afetiva de que os vínculos estão mantidos. Traduz, a cada entrada em campo com uma nova mensagem inscrita nos corpos dos jogadores, aquilo que o jovem entrevistado de Valdivia também afirma: “Não vamos parar de falar sobre a Palestina”.

Entendemos que o Clube Palestino assume um papel importante na cena comunicacional ao adotar o nome, as cores e a identidade palestina, emitindo constantemente uma mensagem de compromisso com as questões do povo palestino, para além de vinculação de origem ou cultura.

## Considerações finais

A América Latina, formada por povos indígenas originários, pela colonização branca europeia, pelo tráfico e exploração de escravos trazidos da África e pela imigração de diversas origens, não é homogênea em termos de raça ou etnia na composição dos países. O povo chileno acolheu também os árabes, italianos, alemães, asiáticos e outros imigrantes. Esse é o principal fator que favoreceu a integração dos palestinos na diáspora, independentemente do grau de racismo que também existe nos países da América Latina, desde a colonização.

Devido aos passaportes emitidos pela Turquia durante o período Otomano, que levou muitos imigrantes da região abarcada pelo império a serem chamados indistintamente de “turcos”, as distintas identidades árabes acabaram sendo vistas de forma homogeneizada, fossem sírios, libaneses ou palestinos.

A comunidade palestina no Chile está perto de completar 150 anos de imigração e se mostra bem integrada, participando em todos os níveis e direções. Sua presença é forte e influente, seja na economia ou na política. Mas independentemente das posições ocupadas, políticas ou ideológicas, a vinculação com a chamada “questão palestina” – de recusa à ocupação israelense e defesa dos direitos nacionais palestinos – é uma constante em toda diáspora chilena. É, portanto, um fato que a identifica como comunidade de interesses, que se expressa na cena internacional por meio de espaços não convencionais, no caso, através do esporte como espaço de expressão de identidade.

Se as regras das instituições esportivas do futebol internacional, como a FIFA e as federações nacionais ou regionais, são cada vez mais impeditivas da manifestação política, o Clube Palestino se torna um caso à parte, dado que sua própria existência, sendo um clube “palestino” nascido fora da Palestina, originado na diáspora e crescido com ela, aumentada pelo exílio forçado de outras levas de palestino após a criação do Estado de Israel. Seu nome e símbolos imagéticos – como o uniforme e suas inscrições – são emissores de um vínculo solidário com uma situação marcada pela defesa de uma terra originária distante, ocupada e cuja identidade está ameaçada constantemente de apagamento.

## Referências

- AL-HAYY, Adb. Palestinian Communities. *In: Latin America*, 2009, v. 22, p. 103.
- ALJAMAL, Yousef M.; AMOUR, Philipp O. Amour, Palestinian Diaspora Communities. *In: Latin America and Palestinian Statehood. Journal of Holy Land and Palestine Studies*. 2020, v. 19, issue 1, p. 101-120. Disponível em: <https://www.eupublishing.com/doi/abs/10.3366/hlps.2020.0230>. Acesso em: 15 abr.2022.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2003.
- FACEBOOK. **Club Palestino**. Disponível em: <https://www.facebook.com/clubpalestinosantiago/photos>. Acesso em: 15 maio. 2022.

- FANON, Frantz. "On National Culture". *In: The Wretched of the Earth*. Londres-Nueva York: Grove Press. Los condenados de la tierra. México: Fondo de Cultura Económica, 1963.
- HALL, Stuart. **Sin garantías**: trayectorias y problemáticas en estudios culturales. 2. ed. Envióon-Universidad del Cauca, 2014.
- HALL, Stuart. **Pensando a Diáspora** (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). *In: Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org.). Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- PAIVA, Raquel. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução Daniel Grassi. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- YIN, Robert. K. **The case study method**: An annotated bibliography (1983-1984). Washington, DC: COSMOS Corporation, 1983.